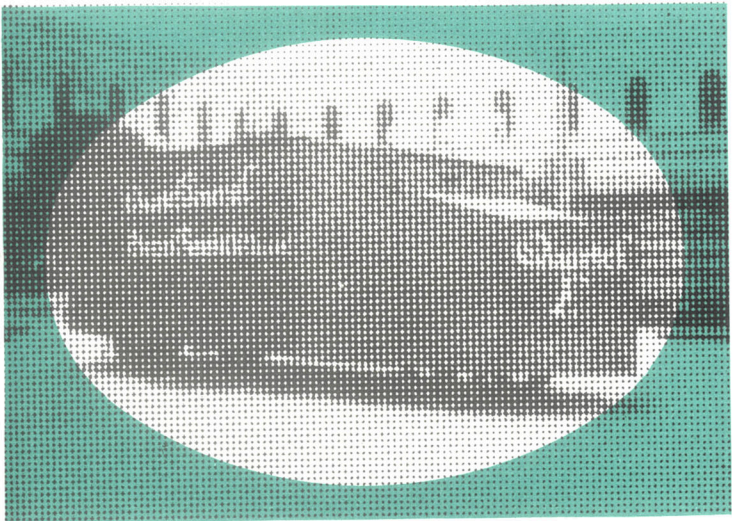


BOLETIM **PH** **HISTÓRICO**

Eletropaulo
**ELETRICIDADE DE
SÃO PAULO S.A.**



FANTASMA na página 6

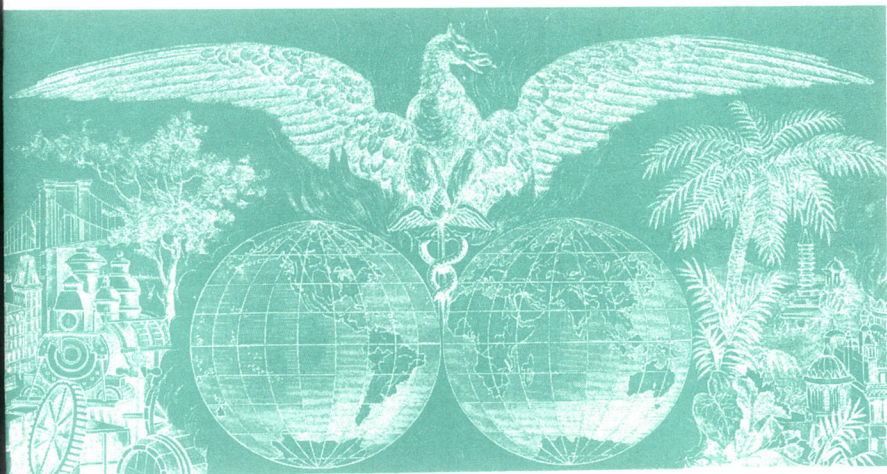
REVOLUÇÃO na página 4

Arquivos Estaduais: o Seminário do Rio de Janeiro Página 2

Os direitos desiguais dos primeiros funcionários da Light Página 11

Duas companhias estrangeiras marcaram o desenho da cidade de São Paulo Página 15

O direito de acesso à história guardada nos arquivos: entrevista com Célia Camargo Página 16



A recuperação arquitetônica de Paula Souza, Página 13.

FICHA CATALOGRÁFICA
ELETROPAULO - ELETRICIDADE DE SÃO PAULO S.A.
BOLETIM HISTÓRICO S.P. 1985. 16 p.
ENERGIA ELÉTRICA/HISTÓRICO
CDU 621.31:93



Na con
empre
empre
eletric
materi
sociec
entre :

Nessa
grand
cidade
dos di
escrav
no arti
diretor
estran
outras
pouco

As rela
compl
poder
forças
Light,
disso t
image
o conh
dos ca
públic
do Pat

Mas o
energi
pela ci
página
fantas
sobre
repórt

Entre a
relaçõ
que de
patrim

1 APRESENTAÇÃO

Na construção material de sua existência, a sociedade urbana brasileira teve nas empresas de energia elétrica um participante decisivo. Esse caráter importante de tais empresas, como o da Light em São Paulo, não se refere apenas ao peso específico da eletricidade no estabelecimento de serviços, técnicas, fatores econômicos e de cultura material. Refere-se também à interação social e política que a Light estabelece com a sociedade urbana nascente, ou seja, às relações e influências recíprocas que elas têm entre si.

Nessas relações, que passam por uma via de duas mãos, temos a modernidade da grande empresa estrangeira se contrapondo e modificando o atraso tecnológico da cidade subdesenvolvida. A par dessa realidade, temos também a postura colonialista dos dirigentes recém-chegados, que se alimenta das marcas do autoritarismo e da escravidão da sociedade brasileira, para melhor garantir seus lucros. Assim, como se vê no artigo *A Lei do Mais Forte*, na página 11 desta edição do Boletim Histórico, um diretor geral da Light em São Paulo chegava a defender galhardamente que os técnicos estrangeiros deveriam ter muito mais férias que os brasileiros, além de uma série de outras discriminações contra os trabalhadores braçais. Isso só era possível porque até poucos anos antes, no Brasil, trabalho era coisa de escravos...

As relações de mão dupla entre a Light e a cidade de São Paulo são suficientemente complexas para que nos momentos políticos decisivos a empresa se confunda com o poder municipal. Assim, na Revolução de 1924, como se vê na página 4, tanto as forças revolucionárias quanto as legalistas, além da população em geral, dirigem-se à Light, envolvem-se com ela, ocupam e bombardeiam seus prédios. Como resultado disso tudo, os arquivos da concessionária de energia acumularam um notável acervo de imagens e textos da Revolução, que constituem uma documentação indispensável para o conhecimento desse episódio. A propósito, o movimento de 1924 será objeto de um dos cadernos "História e Energia". Essa publicação da Eletropaulo começará a vir a público em novembro deste ano, expondo em artigos mais aprofundados as pesquisas do Patrimônio Histórico da empresa.

Mas os vínculos com a realidade sócio-cultural paulista, por parte da concessionária de energia, são de tal ordem que ela não pode se furtar a outras "energias" pouco aceitas pela ciência: as dos seres do além. De fato, como se vê em *O Fantasma Plantonista*, na página 6, o ano de 1928 assistiu a uma série incrível de relatos sobre a atuação de fantasmas num dos prédios da companhia. As cartas, relatórios e notícias de jornal sobre o assunto, produzidas na época por funcionários, engenheiros, policiais e repórteres, constituem uma interessante fonte para a história das mentalidades.

Entre as demais matérias que compõem esta edição, destacam-se as referentes às relações da Light com a urbanização da cidade, através da Cia. City, na página 15 e a que descreve a continuidade dos esforços da empresa na restauração de seu patrimônio imobiliário, na página 13 deste boletim.

THE SÃO PAULO RAILWAY LIGHT & POWER CO. LTD.

INAUGURAÇÃO HOJE

Dos bondes electricos para a

AVENIDA PAULISTA

Esta linha de bondes electricos dará ao publico um longo e esplendido passeio passando pelos pontos mais apraziveis da cidade, começando no largo do Ouvidor e seguindo por toda a extensão da Avenida Paulista de São Paulo.

O publico poderá apreciar a excellente condução dos bondes electricos, fazendo magnificas excursões e passeios de recreio desta capital.

Correio Paulistano, 17 de junho de 1900.

LINHAS CRUZADAS

O dia 17 de junho de 1900 teria sido de festa na Avenida Paulista não fosse o embargo da Companhia Viação Paulista contra a Light and Power.

Naquele domingo, a Light pretendia inaugurar uma linha de bondes elétricos circular que, partindo da esquina da rua Direita com a rua Líbero Badaró e atravessando as ruas Doutor Falcão e Consolação, atingiria seu ponto de atração maior — a já disputada Avenida Paulista, com seus grandes e belos casarões. Outro carro, em sentido contrário, partiria da Avenida em direção ao Centro. A Light estaria oferecendo aos usuários uma volta completa por uma parte importante da cidade, com bondes de cinco em cinco minutos.

Na véspera, porém, a Viação Paulista impedia judicialmente que os bondes elétricos da Light cruzassem os seus trilhos nas esquinas da Rua Augusta com a Avenida Paulista. A Cia. Viação Paulista ainda era, na época, a principal responsável pelos serviços de transportes coletivos na capital paulista por meio de carros a tração animal.

Enquanto lutava na justiça para derrubar o embargo, a solução para a Light foi por em funcionamento, no dia previsto para a inauguração da linha circular, um itinerário senão esdrúxulo, pelo menos bizarro. Os bondes, ao chegarem na esquina da Paulista com a Augusta, faziam meia-volta, obrigando os passageiros a atravessarem a pé o cruzamento em conflito, para tomarem no outro lado o bonde que permitia continuar a viagem, frustrando o que seria um passeio tranqüilo e aprazível.

Somente em novembro do mesmo ano a Light conseguiria por em funcionamento sua linha circular, com dois pontos de partida — um na esquina da rua Direita com a Líbero Badaró e outro na rua José Bonifácio, esquina da rua Quintino Bocaiúva.

Este incidente entre as duas empresas é um exemplo dos conflitos iniciais que marcaram a chegada da Light à capital paulista, que serão analisados, com seus desdobramentos políticos, no primeiro caderno "História & Energia", da Eletropaulo.

II SEMINÁRIO DE ARQUIVOS ESTADUAIS

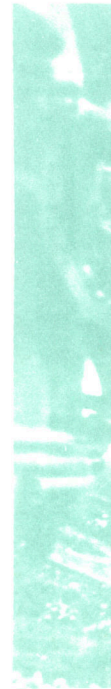
Nos dias 25, 26 e 27 de setembro realizou-se no Rio de Janeiro o II Seminário de Arquivos Estaduais, que envolveu a participação de muitas instituições ligadas aos setores de preservação do patrimônio documental brasileiro, além de grande número de profissionais que atuam junto aos arquivos públicos do país.

A ELETROPAULO participou da sessão destinada à discussão do tema "Os Arquivos Estaduais e a Proteção ao Patrimônio Documental Arquivístico Privado", apresentado por Célia Camargo, do Departamento de Patrimônio Histórico. As formas de inserção dos arquivos privados em sistemas de informação, as políticas possíveis de estímulo à preservação desses acervos e as relações entre a Universidade, os arquivos públicos e os arquivos privados foram as principais questões abordadas nessa comunicação.

3 M
AV
TR
LHPARTIC
DA HIS

O Depart.
Histórico
seguintes
colabora
reconstit
empresa:
Rosa, Ca
Stiengel,
Manoel V
Pini, Osw
Roberto I
especial,
Superinte
Eletropau
expediçã

COMG



Descarregar

A VOZ DO TRABALHADOR

A VOZ DO TRABALHADOR

Hoje a classe operária brasileira está discutindo, na CUT e na CONCLAT, as suas formas de ação unitária e a consolidação orgânica de uma central sindical. Nesse sentido, é extremamente interessante observar a primeira experiência de uma central como essa no Brasil, a partir do 1.º Congresso Operário, de 1906. O jornal "A Voz do Trabalhador", editado pela Confederação Operária Brasileira, existiu de 1906 a 1915, registrando as lutas e reivindicações do nosso nascente sindicalismo.

Este jornal está sendo reeditado em edição fac-similar, com seus 72 números, pelo Arquivo Edgar Leuenroth da Unicamp, junto com o Arquivo Storico del Movimento Operario Brasileiro, de Milão, e o Centro da Memória Sindical de São Paulo, com apoio e impressão da Imprensa Oficial do Estado. Os interessados podem se informar, a partir de 10 de outubro, no Centro da Memória Sindical, pelo telefone (011) 229-1381.

PARTICIPANDO DA HISTÓRIA

O Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo agradece às seguintes pessoas que têm colaborado com os esforços de reconstituição da história da empresa: Aparecido Aldiney da Rosa, Carolina A. Ferraz, Douglas Stengel, José Maria Anson Anson, Manoel Vieira da Cruz, Mirabeau A. Pini, Oswaldo Souza Quintas, Roberto Moreno e, de forma especial, aos funcionários da Superintendência de Informática da Eletropaulo, por sua ajuda valiosa na expedição deste Boletim.

ESTUDOS HISTÓRICOS EM ASSIS

Historiadores do Estado de São Paulo estão se reunindo na cidade de Assis, de 14 a 18 do corrente, para discutir o tema: História, Democracia e Cultura. É a VII Semana de Estudos Históricos, do Departamento de História da UNESP, que consta de conferências, cursos, sessões de comunicação e mesas redondas. Quem quiser participar deverá se dirigir, pessoalmente ou por carta, à Coordenadoria da Semana de Estudos Históricos (Instituto de Letras, História e Psicologia da UNESP, Caixa Postal 335, Assis, SP, CEP 19800).

ERRATA

No número anterior do Boletim, o 3, houve os seguintes erros de edição ou impressão:

- 1) Na página 11, onde se lê "km" (quilômetros), leia-se "m" (metros).
- 2) Na página 4, 5.ª linha, onde se lê "Wyn", leia-se "Wyss".
- 3) Na página 5, 19.ª linha, onde se lê "1884", leia-se "1894".
- 4) Na página 6, Alexander Mackenzie aparece como filho de William Mackenzie, mas os dois não tinham parentesco entre si.
- 5) Na página 14, 15.ª linha, onde se lê "1972", leia-se "1927".

O 113.º aniversário da COMGÁS foi comemorado com uma exposição de equipamentos antigos e de parte dos acervos fotográficos da Companhia e da Eletropaulo.

Na abertura da exposição, no dia 28 de agosto, estiveram presentes, além dos Secretários da Cultura do Estado e do Município, o vice-presidente da COMGÁS, Victor Brecheret Filho, e diretores.

A exposição, inaugurada no dia 28 de agosto e organizada por iniciativa do diretor administrativo da COMGÁS, Antônio Roque Citadini, corresponde à nova diretriz da Energia de São Paulo - Administração Unificada, de facilitar ao público paulistano o conhecimento de um capítulo importante da história de sua cidade, o da implantação dos serviços de infra-estrutura, no passado e no presente.

COMGÁS, PASSADO E FUTURO



Descarregamento das Retortas - foto do acervo da Comgás



A REVOLUÇÃO DE 1924 E A LIGHT

De 5 a 27 de julho de 1924 a cidade de São Paulo viveu um dos momentos mais convulsionados de sua história. Quase sem parar, a população assustada ouvia o pipocar das metralhadoras, o estrondo das granadas, a algazarra dos saques a armazéns. Milhares de pessoas abandonaram suas casas em busca de refúgio em outros centros: só em Campinas, 50.000 refeições de emergência foram fornecidas por cozinhas improvisadas para paulistanos desabrigados.

Era a Revolução. Os "tenentes", jovens oficiais que combatiam o governo federal de Artur Bernardes e as oligarquias que dominavam então a República, escolheram São Paulo como ponto de partida de sua ação revolucionária, que tivera início efetivo no heróico episódio do levante do Forte de Copacabana, em 5 de julho de 1922. Sob o comando de Isidoro Dias Lopes, personagens que marcariam as lutas dos anos seguintes, como Juarez Távora, Miguel Costa, Cabanas, Estillac Leal e muitos outros, dirigiram a tomada da capital paulista por tropas rebeldes.

O custo em vidas e destruição que a Revolução significou na época foi imenso. Chega a ser estranho que a memória urbana do povo paulistano tenha tão poucas lembranças vívidas do episódio: talvez porque a Revolução Constitucionalista de 1932 tenha se institucionalizado na memória, ofuscando 1924, talvez porque a imensa migração posterior de não-paulistanos para a cidade tenha diluído a recordação dos acontecimentos. ▶

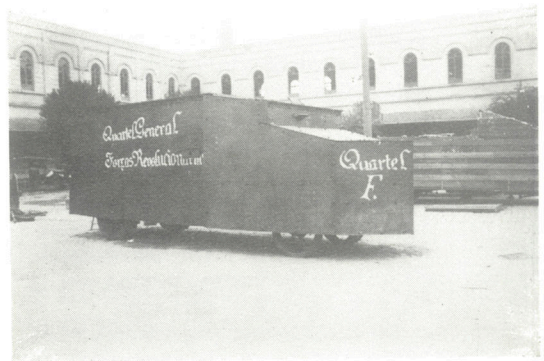


▲ Soldados colocando-se em posição de combate, com um fuzil-metralhadora, numa esquina da rua Duque de Caxias.

▲ Casas atiradas em Tabatinga.

▶ Guarnição

◀ Soldados revolucionários posando para a história.



▲ Carro de assalto improvisado pelos revolucionários.



▲ A Igreja de Liberdade.



▲ As marcas dos combates na rua Florêncio de Abreu, centro de São Paulo.

▲ O prédio da Casa dos Bombardados.

◀ O Cottonificio Crespi incendiado: só a fachada de pé.

▶ Um raro exemplar do Governo Revolucionário timbrado próprio.

5 DOCUMENTOS



▲ Casas atingidas por canhões na Ladeira Tabatinguera, centro de São Paulo.

► Guarnição de um carro de assalto legalista.



▲ A Igreja de Nossa Senhora da Glória, na Liberdade, bombardeada.

Mas os arquivos que dizem respeito à cidade trazem bem nítido o profundo corte dos acontecimentos revolucionários no cotidiano urbano. Nos arquivos da Eletropaulo, despontam de maneira chocante as fotos de prédios destruídos, de ruas bombardeadas pelas tropas legais que sitiaram os revolucionários na cidade, de tropas nas praças, de transeuntes desorientados.

Como a velha Light controlava os serviços essenciais, ela foi completamente envolvida nos episódios. Em seus arquivos, abundam as reclamações e proclamações do Governo Revolucionário Provisório, os inúmeros pedidos da população e das empresas para reparos em serviços danificados, ordens e contra-ordens para instalações elétricas dadas pelos militares, documentos políticos das forças em confronto. A partir desse material, em grande parte inédito, a equipe do Patrimônio Histórico da Eletropaulo está preparando um caderno especial para informar a população em geral sobre os aspectos urbanos da Revolução de 1924, que minou e desgastou o regime político da Primeira República e preparou o caminho para a vitória da Revolução de 1930.



▲ O prédio da Cooperativa da Light não escapou aos bombardeios.

► Um raro exemplar das ordens emitidas pelo Governo Revolucionário Provisório em papel timbrado próprio.

Governo Revolucionário Provisório

Commando em Chefe das Forças Revolucionárias

Ilmo. Sr. Superintendente do E. P. de S. Paulo
Residência

Requisitose por conta do Governo Revolucionário Provisório para...

NOTA

A partir de 1924, o E. P. de S. Paulo passou a ser controlado pelo Governo Revolucionário Provisório. Este documento foi emitido durante o período de ocupação da cidade.

Seja collocado em...
via, uma bandeira...
na frente a rua...
com a avenida...
Quartel em São Paulo,...

Peio Comando em Chefe
[Signature]

Observações

Feito 20/04/1924

O FANTASMA PLANTONISTA

Os ataques de um fantasma misterioso chegaram a fechar uma estação da Light em São Paulo.

Quem imaginaria que um fantasma — daqueles que assombram casarões abandonados e assustam os habitantes de pequenas e mal iluminadas cidades do interior — seria capaz também de perturbar as operações industriais de uma poderosa empresa multinacional? E que, além disso, tomaria horas de observação e debate de perplexos engenheiros europeus e americanos, marcados por anos de formação racionalista ou positivista? Pois aconteceu com a Light, em São Paulo, em 1928.

A empresa mantinha turmas de prontidão, para reparos urgentes e outras emergências, em estações distribuídas na cidade. Uma dessas estações de emergência estava sediada num sobrado da Light na rua Paula Souza, no bairro da Luz, ao lado da Subestação Transformadora e Distribuidora, implantada em 1902, e da Usina Termelétrica, inaugurada em 1912.⁽¹⁾

Os queixosos, a princípio, não eram muitos e os incidentes eram contornados com a transferência destes funcionários para outras Estações de Emergência. Mas, de repente, a partir de junho de 1928, as comunicações de episódios misteriosos e os pedidos de transferência começaram a chegar em grande número às mãos de Antônio Stingel. E como ele não dava crédito aos relatos e já não podia atender a todos os pedidos de remoção, os operários começaram a dirigir-se diretamente a mr. A. Normanton, Superintendente da Divisão de Distribuição Elétrica. Benedicto Faria, por exemplo, escreveu para o superintendente em 15 de junho:

“Tenho o prazer de comunicar a Vossa S. o que temos sofrido na Promptidão Paula Souza com a tentacção dos Espíritos maus que nos atacam. É o seguinte: quando chega a noite começa a dar imensos estalos de 1 a 4 estalos e depois quando não bate ou prende joga 2 ou 3 metros distante da cama e isto é quasi todas as noites.”



Durante a revolução de 1924,⁽²⁾ o prédio da Estação de Emergência na Rua Paula Souza foi ocupado por soldados revolucionários. Nos combates travados para desalojá-los, teriam perecido no local quatro soldados e um velho funcionário da companhia, Jorge Oscar Pinto, feitor-chefe das Turmas de Prontidão. Segundo outra versão, Jorge Pinto teria morrido na Avenida Angélica, quando consertava linhas de força para bondes⁽³⁾. O fato é que, algum tempo depois dessas mortes trágicas, os operários que ficavam de plantão na Paula Souza começaram a queixar-se de estranhas “assombrações”.

Uma das primeiras queixas de que se conserva registro nos arquivos atualmente pertencentes à Eletropaulo, é assinada por Benício Campos Britto, transferido para a Prontidão do Brás, em 1926, a pedido. Justificando-se em carta dirigida a Antônio Stingel, novo feitor-chefe das Turmas de Prontidão, Benício esclarecia que na Paula Souza “não era possível trabalhar visto em ter um ser que quasi todas as noites prendia-me sobre a cama e eu ficava sem poder pedir auxílio a quem quer que seja ficando eu sofrendo até que o mesmo ser me deixasse”.

Outro funcionário, o electricista austríaco José Kernbeys, não se contentando em relatar os ataques sofridos, escreveu para mr. Normanton uma longa carta. Protestou contra o encarregado Sanchaz, que “ia desmentir que foi pegado do espírito porque é covarde”. Declarou, ainda, taxativamente: “O espírito do defunto (Jorge Oscar Pinto) aparece também no Promptidão Água e Luz, conhecendo eu na precipitação do trabalho e nos ditos e palavras do defunto de que este se usava. Parece que elle, no instante que escrevo, está encostado em mim, só pode dizer que está trabalhando, ainda está com a idéia de tirar a carta de chauffeur. Com o Sanchaz, o espírito do defunto não faz tanto opressão porque se conheciam e se valiam mais ou menos”.

Kernbeys, que possivelmente era adepto das concepções de Allan Kardeck, até arrisca uma explicação teórica para os estranhos fenômenos: “O espírito, o pensamento que dirige nossos actos e nossos movimentos vive depois do nosso corpo morto e procura fazer os mesmos trabalhos de costume da vida, porque a maior parte de espíritos de entes falecidos não sabem que andam sem o corpo material”. E concluindo: “O espírito de um ente falecido que penetra no corpo de um ente vivo pode causar reumatismo, se penetra a cabeça pode causar até loucura, tanto como podemos receber boa saúde. Um espírito de um ente morto está com as mesmas intenções da vida anterior, se foi briguento, intrigante, brutal, um espírito pode causar bastantes confusões e intrigas”. Kernbeys, como outros funcionários da Prontidão Paula Souza, acabou sendo demitido por abandono de serviço, em outubro de 1928, conforme está registrado em seu prontuário.

Com...
dos tr...
intran...
a um...
préd...
inves...
Austr...
come...
como...
e cab...
1907...
geral...
de ag...
dos o...
a noit...
acon...
já no...

“Con...
visto...
horas...
Prom...
pessc...

Diz o...
desde...
benig...
mesn...
braço...

Cont...
Prom...
mesn...
reclar...
pessc...
cham...
segui...
todos...
como...
leito...
coloc...

Passa...
vez, s...
porém...
dois r...
nova...
teve c...
scena...

Pode...
o rela...
execu...
proce...
Depai...
assist...
Elétric...
dr. Ed...
conce...
que re...

“Não...
Cont...
permi...
Emer...
sorte...
a pres...

Por es...
mais...
e teor...
admit...

Refer...
espíri...

ENGENHEIROS PERPLEXOS

Com a circulação das notícias e a aproximação do aniversário dos trágicos acontecimentos de julho de 1924, a intranquilidade na Estação de Emergência Paula Souza chegou a um ponto em que nenhum funcionário queria permanecer no prédio durante a noite. Antônio Stingel resolveu, então, investigar pessoalmente as alegações de seus subordinados. Austriaco de nascimento, casado e pai de sete filhos, Stingel começou a trabalhar na Light em 1.º de novembro de 1900, como trabalhador braçal. Foi promovido para subidor de linhas e cabos em 1906, passou a feitor de linhas de transmissão em 1907, sendo nomeado, em 1.º de setembro de 1925, feitor geral das Turmas de Prontidão, cargo em que faleceria no dia 7 de agosto de 1940. Para tirar a limpo as repetidas reclamações dos operários da Prontidão Paula Souza, Stingel decidiu passar a noite de 14 de junho de 1928 na estação. Do que lhe aconteceu nesta noite singular de sua vida, Stingel deu conta, já no dia seguinte, em preciso relatório para mr. Normanton:

"Comunico-lhe que a Prontidão de P. Souza está fechada, visto o pessoal não querer mais ficar lá, devido das 23,45 horas até às 2 horas da madrugada o pessoal que faz parte da Prontidão ser maltratado por uma cousa invisível (dito pelo pessoal, por uma assombração).

Diz o pessoal que esta assombração começou a aparecer desde o falecimento de Jorge Oscar, porém de maneira mais benigna até o dia 3 do corrente, e dessa data para cá o pessoal mesmo acordado sente o corpo maguado por aperto de braços.

Conta-se já cerca de 30 pessoas que saíram desta Prontidão, a pedido de demissão ou remoção, por esse mesmo motivo. Não me conformando com a constante reclamação dos empregados em questão, fui eu mesmo, em pessoa, verificar o que havia a respeito. Hontem à noite a chamado do próprio pessoal estive lá e às 23,45 horas notei o seguinte: um signal por pancada forte na porta, escutado por todos e a seguir o feitor Plinio Baratella foi retirado, deitado como estava na cama, e atirado à distância de três metros do leito. Após ter Plinio recuperado os sentidos, foi novamente colocado de novo no seu leito pelo pessoal da Prontidão.

Passados mais 3 minutos, nova pancada forte na janella, desta vez, sendo Plinio de novo atacado, sem ser retirado da cama, porém teve que sustentar uma espécie de luta, que cessou dois minutos depois. A cerca de 4 horas da madrugada, houve nova luta, mas desta vez com o ajudante José Vieira, o qual teve que sustentar nova luta; depois de 4 minutos, repetiu a scena, cessando dahi por diante."

Pode-se imaginar o espanto com que mr. Normanton recebeu o relatório do chefe das Turmas de Prontidão. Mas, como executivo cumpridor de seus deveres, deu andamento ao processo, encaminhando-o para o Superintendente do Departamento de Eletricidade. Dias depois, em 21 de junho, o assistente do Superintendente do Departamento de Eletricidade, P. L. Smith, enviava para o Superintendente Geral, dr. Edgard de Souza, todos os relatórios e comunicações concernentes ao assunto, acompanhados de uma carta em que ressaltava, cauteloso:

"Não duvidamos que esses relatórios foram escritos de boa fé. Contudo, alguns executivos deste Departamento permaneceram durante algumas horas da noite na Estação de Emergência Paula Souza e não foram capazes ou não tiveram sorte de ver, ouvir ou sentir qualquer fenômeno que indicasse a presença de um fantasma nesta estação.

Por esse motivo, enquanto procuramos obter informações mais substanciais sobre o assunto, sugerimos que os eventos e teorias registrados nos relatórios anexos não sejam admitidos como plenamente comprovados".

Referência administrativa da correspondência: *"Fenômenos espiritualistas na Estação de Emergência Paula Souza"*. ►



Estação de Emergência Paula Souza em 1926: o cenário dos misteriosos acontecimentos.

TRANSATLANTICA



Companhia de Seguros contra Fogo.

ESCRITORIO PRINCIPAL, ALTERNALL N.º 10, HAMBURGO.

Principio do seguro

16 de Agosto de 1894

ao meio-dia.

Quantia segura

No. 20072

A POLICE

Fim do seguro

16 de Agosto de 1894

ao meio-dia.

Premio 1/100/100



Principio do seguro

16 de Agosto de 1894
ao meio-dia.

Fim do seguro

16 de Agosto de 1894
ao meio-dia.

Quantia segura

R\$ 20.000.000

Premio 1/100 p.a.

R\$ 200.000

A POLICE

No. 20072

A Companhia

por seus Agentes abaixo assignados segura, sob as condições constantes desta Apolice e as particulares abaixo mencionadas, ao

Sr. Companhia Agua e Luz do Estado de São Paulo, n'essa cidade a quantia de

Um Conto de reis

que por intervenção do

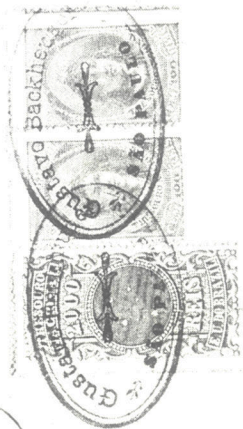
se tem celebrado pelo tempo de um anno

a valer do meio-dia de dias 16 de Agosto de 1894 até ao meio-dia de dias 16 de Agosto de 1895

os objectos seguintes; a saber:

Valor sobre os premios, livros, papéis e materiais para installações de luz electrica, existentes no pa. telegraphico e depositos em todos da casa N.º 89 na rua São Bento. A taxa i. de polida produzçãõ, sobra com letivas de banco.

Large empty space with faint horizontal lines, likely for additional conditions or signatures.



São Paulo 16 de Agosto de 1894
Rio de Janeiro

Agentes Gornes.

POLICIAIS ATACADOS

A alta direção da Light, após esgotar os recursos ao alcance da companhia e desconfiando das versões sobrenaturais dos acontecimentos, decidiu solicitar a intervenção da polícia. Enquanto isso, as notícias se espalhavam e o caso alcançava grande repercussão pública, a ponto de *O Globo*, jornal do Rio de Janeiro, publicar, em sua edição de 18 de julho de 1928, matéria a respeito, com um título irônico: "Em São Paulo, a Light, ainda por cima, assombra!" Na matéria, o correspondente do diário em São Paulo relatava, com mal disfarçado humor, as providências policiais e o verdadeiro "poltergeist" que se seguiu: "Na delegacia de Ordem Pública e Social falava-se muito sobre o estranho caso, e foi com dificuldade que as autoridades conseguiram três inspetores decididos a pôr em fuga os fantasmas. Dirigiram-se os três policiais para o velho sobrado, procedendo a minuciosa vistoria, aferrolharam as portas e as janelas, olharam por baixo dos móveis, visitaram a adega, os comuns e todos os recantos do edifício. Socegados, reuniram-se em uma sala e ficaram à espreita. Passaram-se as horas. Pouco antes da madrugada, soou no silêncio uma pancada distintamente batida, como quem bate num móvel com os nós dos dedos. Quem é? perguntou um dos inspetores. Não houve resposta. Passaram-se alguns minutos, e de novo a batida se fez ouvir. Em seguida, as portas cederam a choques violentos, atirando os inspetores ao chão. Seguiram-se uma série de pilhérias de algum espírito prestidigitador. Houve gritos, móveis pelo chão, um barulho infernal. Os inspetores ficaram apavorados."

Em vista do ocorrido, continuava a matéria de *O Globo*, a polícia decidiu "abrir um inquérito regular, afim de apurar o que há de lenda e de sobrenatural nas aparições" e "o sr. Ibrahim Nobre, delegado de ordem pública e social, vae convidar o conhecido cientista, sr. Alberto Seabra, para estudar o phenomeno. Ambos pernoitarão no local, acompanhados de um delegado, de um comissário e de vários inspetores, cuja reconhecida idoneidade pareça reservál-os para taes missões".

O delegado Ibrahim Nobre passaria à história como o inflamado tribuno da Revolução Constitucionalista de 1932. O médico Alberto Seabra, autor do livro "O Problema do Além e do Destino", ficaria conhecido por suas investigações no campo da homeopatia. Ainda não foram encontrados documentos que esclareçam se o cientista aceitou o convite do delegado, como também não se tem informação se a empresa acolheu os préstimos do sr. Hermano Rosen, que escreveu para a diretoria da Light, em 18 de julho, fazendo um oferecimento corajoso: "Sabendo pelo jornal allemão do 18 do corrente que na Estação da rua Paulo Souza existe uma Alma do outro mundo e que nem a força policial pode resistir, estou disposto com um dos meus amigos de enfrentar a dita Alma em qualquer hora".

O que se sabe, com certeza, é que o prédio da Prontidão, com portas e janelas avariadas, foi interditado e guardado pela polícia até meados de outubro de 1928, quando, depois de insistentes pedidos da Light, foi devolvido à empresa para reparos. Em 26 de novembro de 1928, mr. H. A. Munson, chefe da Seção de Obras, comunicava a mr. P. L. Smith, assistente do Superintendente do Departamento de Eletricidade: "Os serviços de reparos e pinturas do prédio da Prontidão Paula Souza estão terminados. Anexo envio a V.S. a chave do citado prédio".

Não há registro de que os funcionários tenham voltado a ser incomodados depois da reforma e reativação do prédio. Tudo indica que, de repente, tão misteriosamente como apareceu, o fantasma desistiu de dar plantão na Estação de Emergência da Light, na rua Paula Souza.

(1) - Ver matéria nas págs. 13 e 14.

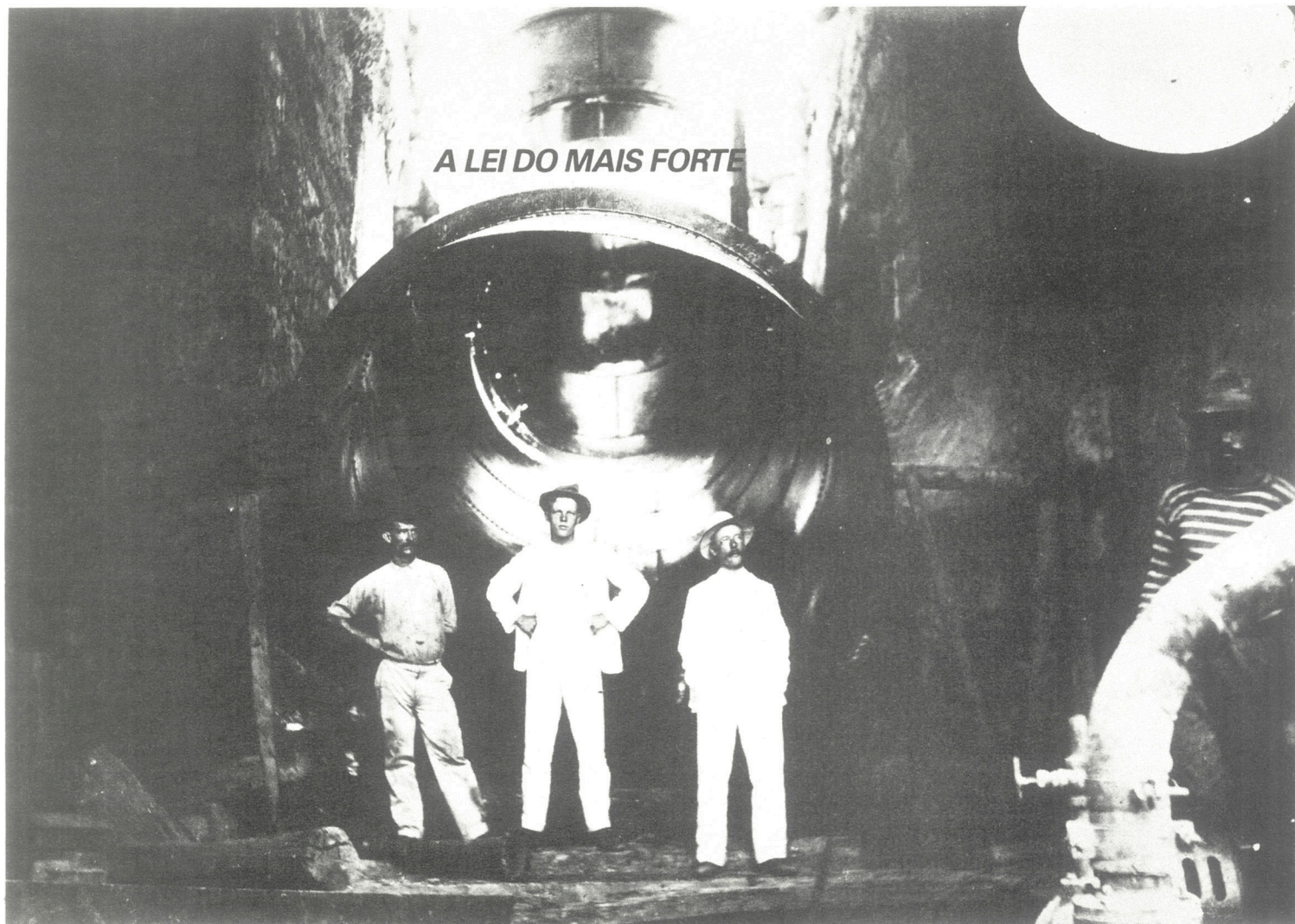
(2) - Idem págs. 4 e 5.

(3) - Ver entrevista de Américo Stingel, filho de Antônio Stingel, à Revista SBEL, da Sociedade Beneficente dos Empregados da Eletropaulo, ano I, n.º 9, São Paulo, fevereiro de 1984.



Antônio Stingel, chefe das Turmas de Prontidão de 1925 a 1940: autor do relatório que confirmou as estranhas ocorrências.

Quando a mal tinha assalariado meios urbanos trabalhistas direitos ao repouso e indenização tempo de greve também movimentou caixas de ajuda mútua de resistência liberdade e estabeleceu claro, com capacidade



A LEI DO MAIS FORTE

Técnicos estrangeiros e operários brasileiros na construção da usina de Parnaíba.

Quando a Light se instalou no Brasil, a escravidão mal tinha sido abolida. As relações de trabalho assalariado difundiam-se crescentemente nos meios urbanos, mas não havia uma legislação trabalhista que assegurasse aos empregados direitos mínimos, como limitação da jornada diária, repouso semanal remunerado, férias anuais, indenização por acidentes ou aposentadoria por tempo de serviço. Os direitos de sindicalização e de greve também não eram reconhecidos e o movimento operário engatinhava, passando das caixas de empréstimos e outras organizações de ajuda mútua para as primeiras uniões e associações de resistência. Imperava, portanto, a mais irrestrita liberdade patronal, cabendo a cada empresa estabelecer seu regime de trabalho, de acordo, é claro, com sua força econômica e política e a capacidade de reivindicação dos empregados.

Uma companhia moderna e influente como a Light podia, nessas condições, dispor de uma margem de arbítrio muito grande, sobretudo no relacionamento com os trabalhadores sem qualificação. Mas a empresa dependia também dos serviços especializados de engenheiros e técnicos, ainda muito raros no mercado de trabalho local, e freqüentemente era obrigada a recrutá-los nos Estados Unidos ou na Europa, onde estavam habituados a condições de vida e de trabalho muito distintas. Além disso, para convencê-los a trabalhar num país remoto e desconhecido, era forçada, muitas vezes, a oferecer-lhes vantagens adicionais. Com isso, a companhia foi introduzindo diferenças acentuadas nos regulamentos e contratos de trabalho, com privilégios para os empregados estrangeiros e um tratamento discriminatório dos empregados nacionais. ►

FÉRIAS DESIGUAIS

Respondendo a um pedido de informação de mr. Alexander Mackenzie, que se encontrava no Rio de Janeiro, o diretor geral do escritório da Light em São Paulo, mr. Walmsley, escrevia em 18 de fevereiro de 1909: "De um modo geral, temos dado férias remuneradas anuais de duas semanas a nossos empregados do escritório." No entanto, prosseguia mr. Walmsley, "estou propenso a conceder a nossos empregados estrangeiros, que não estão acostumados ao clima daqui, férias de quatro a cinco meses, a cada três anos, com pagamento integral do salário mais despesas de viagem". A medida seria necessária para que pudessem manter "seu vigor físico e mental". Tentando justificar a inusitada proposta de férias desiguais, o diretor geral deixava transparecer a mentalidade preconceituosa do funcionário colonial, insatisfeito sempre que enviado abaixo da linha do Equador: "Penso que é impossível para um estrangeiro aclimatar-se no Brasil, de modo que conluo ser mais necessário a este do que a um brasileiro viajar ocasionalmente."

AS REIVINDICAÇÕES DE MR. ARNOTT

Entre os empregados da Light contratados no exterior, havia também operários qualificados. Com eles a companhia tinha mais dificuldades para entender-se, sobretudo se queriam exigir no Brasil os mesmos direitos que os operários começavam a conquistar nos países capitalistas avançados.

Mr. Arnott foi contratado em Nova Iorque pelo escritório local da Light para trabalhar em São Paulo como *joint-man*, ou seja, como o técnico que emendava os cabos elétricos, trabalho essencial naquele começo do século, quando se efetuavam as primeiras ligações da companhia. Em 4 de julho de 1901, em carta dirigida a Walter Plummer, chefe do escritório em Nova Iorque, o superintendente da Light em São Paulo, mr. Robert Brown, queixava-se dos "consideráveis aborrecimentos" que estava tendo com mr. Arnott. Esses "consideráveis aborrecimentos" eram resumidamente os seguintes: os empregados que no Brasil faziam serviços similares, trabalhavam dez horas por dia e recebiam o salário conforme o número de horas trabalhadas; eram horistas, portanto. Além disso, continuava mr. Brown, dada a urgência dos trabalhos, o pessoal sistematicamente trabalhava também aos domingos, ou seja, trabalhava dez horas por dia, sete dias por semana. Mr. Arnott, porém, recusava submeter-se a esse regime extenuante de trabalho.

Em nova carta datada de 5 de julho de 1901, Brown transmitia a Plummer a defesa de mr. Arnott. Em síntese, o técnico americano alegava:

- 1.º - que, de acordo com o contrato firmado, deveria receber US\$ 150 por mês e, portanto, era mensalista;
- 2.º - que, de acordo com o regulamento de *Roebling's*, o período de trabalho devia estender-se das 8 às 17 horas, com uma hora para almoço, ou seja, oito horas diárias, com direito a domingos livres e férias;
- 3.º - que não era obrigado a trabalhar aos domingos, salvo se recebesse pagamento suplementar pelas horas extras;
- 4.º - que a cláusula que o obrigava a trabalhar aos domingos havia sido inserida no contrato sem o seu conhecimento.

Em vista das alegações de mr. Arnott, Brown pedia instruções ao escritório de Nova Iorque, que o havia contratado. Mas não deve ter ficado satisfeito com a orientação recebida, pois, em nova carta a mr. Plummer, a 1.º de setembro de 1901, insistia: "Para mim, a questão de mr. Arnott ainda não está inteiramente clara no que toca à maneira pela qual deve ser pago. Supondo-se que, por qualquer razão, não trabalhe um dia: ainda assim deverá receber o mês todo?" E raciocinando de forma absurda, Brown indagava: "O contrato diz US\$ 5 por dia, o que perfaz US\$ 150 por mês. Mas, supondo que se recuse a trabalhar todos os dias do mês, seu pagamento deverá ser reduzido de acordo?"

Numa carta ao engenheiro e financista F.S. Pearson, em 11 de setembro de 1901, em que relatava o andamento dos trabalhos nas instalações subterrâneas, Brown, revelando quanto o irritava a rebeldia de Arnott, não perdeu a oportunidade de atacar o compatriota: "O *joint-man* é vagaroso em seu trabalho."

Finalmente, com a substituição de Brown por James Mitchell no cargo de superintendente ou "general manager" em São Paulo, o original dissídio trabalhista foi sumariamente resolvido: o técnico americano foi dispensado e devolvido aos Estados Unidos, embora ainda faltassem quatro meses para o encerramento de seu contrato. Em carta enviada a Nova Iorque no dia 25 de fevereiro de 1902, Mitchell justificou sua decisão com poucas e secas palavras: "Mr. Arnott provou ser uma pessoa bastante desagradável, que provocava constantes atritos com os companheiros. Era mau trabalhador e faltava freqüentemente ao serviço. Embora seu trabalho não esteja concluído, enviamo-lo para casa, já que não estava sendo útil e preferimos ficar sem ele."

O edifício antigo com a fachada restaurada: as peças de tijolo componentes das cimalthas, ornatos e cunhais que se encontravam deterioradas por corrosão foram substituídas, recompondo-se os desenhos originais.



A RECUPERAÇÃO DE PAULA SOUZA

Os edifícios antigos que compõem, atualmente, o Centro de Atendimento e Manutenção de Estações Paula Souza, no bairro da Luz, são exemplares remanescentes do início da industrialização em São Paulo, vinculada à economia cafeeira. Possuem características arquitetônicas pertinentes às instalações industriais inglesas do século 19. A técnica construtiva utilizada é a alvenaria de tijolo laminado, mantido aparente, permitindo-se observar a fatura das cimalthas, ornatos e cunhais em destaque na fachada.

A construção desses edifícios data de 1902, quando foi implantada no local uma subestação para transformar e distribuir na capital a energia gerada pela Usina Hidrelétrica de Parnaíba e transmitida em linhas de alta tensão. Em 1911, foi adquirido um terreno contíguo à Subestação Transformadora e Distribuidora, com vistas a instalar uma usina a vapor. Posta em serviço em setembro de 1912, a Usina Termelétrica de Paula Souza funcionou como auxiliar do sistema de geração hidrelétrica até 1956, quando foi desativada. O edifício que abrigava a usina a vapor foi então demolido, ocupando atualmente o seu espaço um prédio moderno com as instalações da Estação Transformadora de Distribuição Paula Souza (ETD Blindada SF6), inaugurada em 1976. A seu lado, os edifícios da antiga subestação passaram a ser utilizados como escritórios e depósito.

PRESERVANDO CARACTERÍSTICAS

Tendo em vista a importância desses exemplares arquitetônicos como integrantes do patrimônio ambiental urbano, notadamente naquele núcleo industrial-ferroviário do bairro da Luz, foi desenvolvido um projeto de adequação dos edifícios, preservando suas características arquitetônicas originais. As fachadas tiveram seus ornatos em tijolo totalmente restaurados, bem como toda a caixilharia.

Os prédios remanescentes do início do século tiveram suas funções primitivas desativadas. Foi previsto um projeto de revitalização que tratou da ocupação desse antigo espaço, com a instalação de oficinas, laboratório de cromatografia, escritórios, refeitório, sanitários, vestiários etc., que participam da infra-estrutura de apoio do CAME Paula Souza, instalado no local. Completando o programa de necessidades da área, foi também desenvolvido o projeto de um edifício novo, destinado a abrigar as funções de treinamento do Departamento de Operação e de manutenção civil da Divisão de Manutenção Leste. Esse novo edifício encontra-se em fase final de construção, tendo sido utilizados na sua fatura elementos construtivos pré-moldados, mantendo-se a escala volumétrica do conjunto arquitetônico existente.

O projeto de recuperação abrangeu também toda a área externa aos edifícios, disciplinando locais de abastecimento de óleo para os transformadores e de estacionamento para os diversos tipos de veículos que utilizam o CAME Paula Souza.

Este projeto de restauração e revitalização foi desenvolvido pela ELETROPAULO, através de firma contratada, e coordenado pelo Departamento de Projetos Cíveis entre 1982-83. Começou a ser implantado em 1984, com término previsto para 1985. Sua execução está sendo gerenciada pela Superintendência de Construção do Sistema de Transmissão e Distribuição. ►

Pátio interno: à direita, o edifício principal já restaurado; ao fundo, o edifício da Estação Transformadora de Distribuição, construído em 1976; à esquerda, o edifício em elementos pré-moldados, ainda em construção.



Fachada posterior, vista da Avenida do Estado, com o canal do rio Tamanduateí em primeiro plano: os edifícios restaurados aparecem como elementos integrantes do patrimônio ambiental urbano.



Fachada posterior, antes e depois da restauração: as mutilações da fachada foram retiradas, recuperando-se os vãos de janelas e portas e a alvenaria de tijolo laminado.



A City of Light
Company
Faziam pa
(também
Austin Ch
República

A presenç
que se en
Municipal
para a me
negócios
proposta

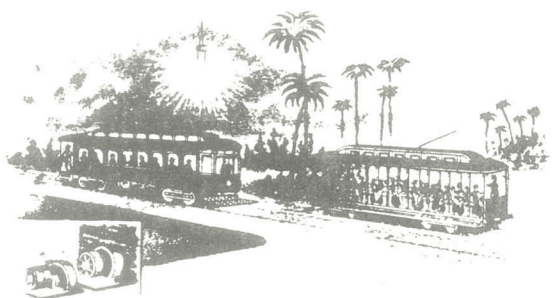
A City obt
somavam
Villa Amér
Horácio Si
de Villa Ar
projetado
moradias i
elite paulis
Barry Park
dada sua e
jardim de l

O loteame
mas, apes
efetiva só
a abertura
City intere
Pacaembu

Para facilit
rapidamen
entendime
trabalho co
de bondes
foram feit
seguida, co

A Light, na
que fosse p
gerente ge
Mackenzie
aconselháv
em bondes

A negociaç
melhorada:
mínimas de
terrenos na
em 15 de n
oferecidas
linhas da A
quilômetro:
conta da Ci



A City of São Paulo Improvements and Freehold Company Limited foi constituída em Londres, em 1911. Faziam parte de sua diretoria Lord Balfour of Burleigh (também diretor da São Paulo Railway Company), Sir Austin Chamberlain, Campos Salles (ex-presidente da República) e o arquiteto J. Bouvard.

A presença de J. Bouvard, renomado arquiteto francês que se encontrava em São Paulo a convite da Prefeitura Municipal para avaliar os planos urbanísticos propostos para a melhoria da cidade, enfatiza a potencialidade dos negócios pretendidos pela City e sua ligação com a proposta de embelezamento da capital paulista.

A City obteve, como área inicial de atuação, terrenos que somavam 12.380.098 metros quadrados na chamada Villa América. Os terrenos foram adquiridos do dr. Horácio Sabino, proprietário da Companhia Edificadora de Villa América, organizada em 1910. O loteamento foi projetado seguindo uma nova tipologia de habitação: moradias isoladas e cercadas de jardins, destinadas à elite paulistana. Foram contratados os arquitetos ingleses Barry Parker e Raymond Unwin para elaborar o projeto, dada sua experiência no planejamento da famosa cidade-jardim de Letchworth, na Inglaterra.

O loteamento do Jardim América foi lançado em 1915, mas, apesar da venda imediata dos lotes, sua ocupação efetiva só aconteceria mais tarde, na década de 30, com a abertura da Avenida 9 de Julho. Além desses terrenos, a City interessou-se por outras áreas da capital, como Pacaembu, Anhangabaú e Lapa.

Para facilitar o acesso a seus loteamentos e mais rapidamente valorizá-los, a City entrou em entendimentos com a Light, buscando uma forma de trabalho conjunto que viabilizasse a extensão das linhas de bondes até as novas áreas. Os primeiros contactos foram feitos, já em 1914, com Frederick Pearson e, em seguida, com Alexander Mackenzie.

A Light, naturalmente, interessou-se pelo negócio desde que fosse preservado seu monopólio, como salientou o gerente geral W. N. Walmsley, em carta a Alexander Mackenzie, em 4 de maio de 1914: "Não penso que seja aconselhável que qualquer outra pessoa tenha interesses em bondes nesta municipalidade, seja qual for a forma."

A negociação avançou rapidamente, as condições foram melhoradas pela City, envolvendo, além de garantias mínimas de utilização das linhas, transferência de terrenos nas áreas abrangidas. Em carta para Mackenzie, em 15 de maio, Walmsley esclarece as novas condições oferecidas pela City: "Os subsídios propostos seriam nas linhas da Augusta, Lapa e Pacaembu, cerca de 7,5 quilômetros, que seriam construídos e operados por conta da City Improvements Co."

A LIGHT E OS JARDINS DA CITY

Duas companhias estrangeiras marcaram profundamente o desenho da cidade de São Paulo: a Light, com o traçado de suas linhas de bondes, e a City, com seus loteamentos de alto padrão. As duas empresas logo perceberam que, dando-se as mãos, fariam melhores negócios.

Mr. Gurd representava a City nas negociações, tentando sempre elevar o preço dos terrenos que foram cedidos por sua companhia como forma de pagamento. Mas Walmsley era também um negociador astuto: "A avaliação feita pela City dos terrenos necessários para a linha de transmissão (280 contos) é tão alta que seria melhor para nós construir a linha diretamente de Osasco para Pinheiros." E sabia esconder seus trunfos: "Os custos que mencionei para Gurd são mais altos do que os custos reais e, na estimativa das cobranças que lhe seriam feitas pela operação da linha Lapa-Pinheiros, utilizei a base de 50\$000 por carro por dia e 4 contos por quilômetro por ano. A primeira base é 12% mais alta do que a nossa média atual e a última quase o dobro. Assim, em realidade, receberemos 20 contos a mais por ano pela operação dessa linha."

Em 1915, finalmente, o contrato estava pronto para ser assinado por mr. Williamson em nome da City. Para um total de 15,2 quilômetros novos de linhas, a Light garantia uma renda de 760 contos por ano, assim distribuídos:

Rua Augusta - 2 km - 100 contos;
Extensão da Lapa - 2,2 km - 110 contos;
Lapa-Pinheiros - 7,5 km - 375 contos;
Pacaembu - 3,5 km - 175 contos.

Walmsley propôs ainda que esses pagamentos se estendessem por cinco anos no caso das linhas da Lapa e da Rua Augusta e por dez anos nas linhas Pacaembu e Lapa-Pinheiros.

Ao final, superados os entreveros dos negociadores, as duas companhias acabavam satisfeitas: a City, por viabilizar e valorizar seus loteamentos; a Light, por ampliar a rede de bondes, garantir novas receitas e ainda incorporar a seu patrimônio terrenos que se tornariam cada vez mais valorizados.



Foto Angelo José Perosa

OS ARQUIVOS E A DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

"A importância do antigo arquivo da Light, hoje incorporado ao da Eletropaulo, é tão grande para a história de São Paulo que a memória dessas empresas deve ser entendida como um patrimônio da cidade." As palavras enfáticas de Célia Camargo, uma das mais competentes arquivistas do país, refletem o entusiasmo com que está se integrando no Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, para assessorar a implantação do Centro de Documentação Histórica da Energia e da Industrialização de São Paulo.

Célia graduou-se em História pela Universidade de São Paulo, onde fez também o mestrado em História Social. Atua na área de preservação do patrimônio histórico documental desde 1975, quando trabalhou com as Universidades Federais de Mato Grosso e da Paraíba na elaboração do projeto e na implantação dos Núcleos Regionais de Documentação e Informação Histórica, com apoio do Ministério da Educação e Cultura e da UNESCO.

Entre 1978 e 1981, Célia trabalhou com arquivos privados no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. O CPDOC, como é mais conhecido, foi organizado a partir dos arquivos pessoais de homens públicos como Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, Anísio Teixeira, Filinto Müller, Gustavo Capanema e outros. Entre julho de 1981 e dezembro de 1983, trabalhou com documentação pública, coordenando a implantação e execução do programa de modernização técnica e institucional do Arquivo Nacional. De 1983 a março de 1985, tornou-se coordenadora geral do CPDOC. Nos últimos meses, participava dos trabalhos de coordenação para a implantação do Sistema Nacional de Arquivos, quando decidiu retornar à capital paulista, atendendo ao convite da Eletropaulo.

BOLETIM HISTÓRICO - Depois de anos trabalhando com arquivos públicos e pessoais, você inicia uma experiência de trabalho com arquivos empresariais. Como a encara?

CÉLIA - Antes de tudo, essa experiência é uma oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a diversidade de nosso patrimônio documental e, principalmente, sobre o modo como os diversos setores sociais e as instituições brasileiras lidam com seus registros documentais e encaram sua própria história.

A democratização da informação e a redefinição dos conceitos e das condições de acesso aos documentos de arquivo no Brasil não se processarão sem que esses diversos setores estejam de alguma forma envolvidos e sem que se efetue um trabalho concreto junto às instituições que conservaram seus documentos e se dispõem a transformá-los em conhecimento público. O que se faz hoje na Eletropaulo funciona como um paradigma que pode ser aproveitado por outras empresas, públicas ou privadas.

BH - Como tem sido a participação das empresas no movimento de preservação da memória nacional?

CÉLIA - Com as exceções de sempre, essa participação ainda se faz de modo extremamente precário. As atividades de preservação de acervos documentais são, para as empresas, de natureza secundária, evidentemente. Não constituem sequer uma atividade de apoio, exceto para os casos em que os registros documentais possuem valor probatório. O simples valor informativo não constitui motivo suficiente para que as empresas destinem recursos, pessoal e estruturas setores com a função de processar os documentos e disseminar seu conteúdo. O ganho material imediato é o que conta para as empresas. A consciência nacional, o resgate de identidades sociais, bem, só se vier de graça! Na realidade, vivemos uma ordem informativa tão predatória quanto a própria ordem econômica que vigora nos países do Terceiro Mundo.

BH - Você acredita que esse lamentável estado de coisas possa ser modificado?

CÉLIA - Já está sendo modificado. Nos anos 70, no Brasil, foi criada uma série de órgãos, programas e campanhas diretamente voltados para a preservação do patrimônio histórico e cultural. A própria Fundação Nacional Pró-Memória, criada em 1979, surgiu nesse processo, durante o qual, como demonstraram Sérgio Miceli e Maria do Carmo Campello de Souza em estudo sobre o Ministério da Educação e Cultura, instalaram-se novos canais institucionais governamentais e definiram-se tendências do preservacionismo, enquanto propostas de ação pública para o conjunto de nossos registros documentais e de nossos bens culturais. Hoje, em meados dos anos 80, dispomos ao menos dessa rede institucional montada e de uma série de experiências desenvolvidas.

Os arquivos públicos, por exemplo, vivem uma etapa nova, certamente marcada por esses acontecimentos e principalmente pela profunda reformulação sofrida por alguns de seus principais representantes, como o Arquivo Nacional e o Arquivo Público do Estado de São Paulo. A reativação do Sistema Nacional de Arquivos e a criação de vários sistemas estaduais e municipais demonstram certo grau de articulação institucional e de consolidação dos novos conceitos sobre arquivos.

As instituições privadas que conservaram seus acervos já foram atingidas por esses movimentos vindos de órgãos públicos. Eles representam, antes de tudo, um apoio e um eixo de aglutinação, que facilitam enormemente o desenvolvimento das atividades de preservação e organização de acervos particulares. Começam a surgir também iniciativas de articulação entre instituições públicas e privadas que já implantaram essas atividades, o que se manifesta na realização de encontros e seminários, cada vez mais frequentes, e até mesmo na criação de associações de arquivos privados. Tudo isso destaca a força e a autonomia que já começam a assumir esses trabalhos, tão importantes para o projeto de democratização e reconstrução social de nosso país.

BH - E seu trabalho na Eletropaulo, como será desenvolvido?

CÉLIA - Minha principal função no Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo é viabilizar e acompanhar os trabalhos de implantação do Centro de Documentação Histórica da Energia e da Industrialização de São Paulo, partindo dos documentos de valor permanente da empresa, aqueles chamados de "históricos". Com a equipe do Departamento, temos condições de iniciar um trabalho sério de organização desse vasto material, tão volumoso como o de vários Ministérios do país, de transformação dos documentos em fontes para pesquisa e de referência de acervos complementares, além da possibilidade de planejar a criação de um Banco de Dados capaz de dar conta de alguns temas fundamentais que caracterizam a documentação da Eletropaulo e que certamente estarão presentes em acervos documentais de outras empresas do país.

PRIMEIRO BONDE ELÉTRICO DE SÃO PAULO / 7 DE MAIO / 1900



BOLETIM  HISTÓRICO

EMPRESA
ELETRICIDADE DE
SÃO PAULO S.A.

4

Outubro/1985

R. Cel. Xavier de Toledo, n.º 23
CEP 01048 São Paulo SP 239 6544



Logotipo da Cia. de Gás, anos 30.

Eletropaulo - ELETRICIDADE DE SÃO PAULO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Professor José Goldemberg

CONSELHEIROS

Antônio Ermírio de Moraes, José Aristodemo Pinotti, José Costa Cavalcanti, José Luiz de Almeida Nogueira Junqueira Filho, José Roberto Mendonça de Barros, Manuel Garcia Filho, Roberto Costa de Abreu Sodré e Rômulo de Almeida

VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO

Sérgio Roberto Vieira da Motta

DIRETORES

Antônio Russo, Custódio Motta Pelegrini, Henrique Waksman, João Baptista Dias Guzzo, Paulo de Tarso Carvalhaes, Reynaldo Maffei

SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO

Guilherme Lisbôa

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

José Alfredo O.V. Pontes

EDITOR

Ricardo Maranhão

EDITOR ASSISTENTE

Duarte Pereira

EDITOR DE ARTE

Fernando Lemos

PRODUÇÃO GRÁFICA

Cely Russo Vieira

PESQUISA E TEXTO

Célia Camargo, Dirce P.S. Mendes, Feliciano S.C. Dias, Giselle Beiguelman, Heloísa Barbosa da Silva, Margarida Cintra Gordinho, Maria Luísa N. de Almeida Paschkes, Nívia Faria, Vera Maria de Barros Ferraz

REVISÃO

Vania Marino Zeballos

PESQUISA E EXECUÇÃO FOTOGRÁFICA

Carlos Gomes Pires, Carlos Sérgio da Costa Lima, João Sócrates de Oliveira, Rubens Carotenuto

APOIO ADMINISTRATIVO

F.E. Bezerra de Menezes, Miriam Abasto Monteiro, Marco Antônio de Lima, Sônia Nascimento da Silva Síndici

FOTOLITO E IMPRESSÃO

Gráfica da Eletropaulo

TIRAGEM

13.000 exemplares

aceita-se permuta
se acepta permuta
acceptons permutation
exchange requested
si accettano scambi
wir bitten um austausch
接受交換
принимаят обмен

Logotipo de estabelecimento consumidor de energia elétrica, 1924.

